

## Clínica da Atividade e Repetição

Yves Clot

Cliniques Méditerranéennes 66-2002

Este artigo tem por objetivo aproveitar algumas das conseqüências de um resultado alcançado na clínica do trabalho: existe uma função psíquica do coletivo profissional, coletivo esse que deve ser diferenciado de uma simples coleção de indivíduos. Podemos mostrar a que ponto a falta daquilo que chamaremos a continência coletiva da atividade individual é deletéria para a atividade pessoal e, finalmente, a expõe a formas variadas de psicopatologia do trabalho. Neste artigo, a partir dos dados de trabalhos recentes com os guicheteiros e carteiros dos correios de França comenta-se esse conhecimento construído na clínica do trabalho. Mas busca-se assim dar um passo suplementar. Deseja-se compreender melhor por que esse tipo de “manutenção” que um coletivo de ofício oferece ao engajamento de si na atividade de trabalho pode, de recurso potencial, tornar-se por sua falta um “*contrainte*” deletério para os sujeitos que trabalham. Deseja-se compreender melhor em que condições a clínica da atividade, que nos serve de referência na ação, pode contribuir, por demanda expressa dos profissionais implicados, para restaurar essa função vital (Clot, 2001), e assim, permitir frente aos inconvenientes de um ambiente de trabalho reforçar a atividade que cada um deve realizar com os outros.

### Clínica do Trabalho e Psicanálise

As referências teóricas da nossa ação não pertencem à psicanálise. Situam-se explicitamente na tradição bakhtiana e vygotskiana, na qual a arquitetura teórica se organiza em torno do dialogismo e da história ou melhor dizendo, nas aproximações críticas do diálogo e da história, tanto nas teorias da enunciação como naquelas da ação. Inicialmente a crítica do diálogo: para Bakhtine o diálogo realizado na interlocução é apenas uma pequena parte do real dialógico, no qual os sujeitos se engajam (Faita, 1999). O diálogo é plurivocal. Bakhtine recusa, como diria Gori “a confusão dos seres empíricos que falam e as vozes de seu dizer”

(1999, p. 126). Segundo Bakhtine, o diálogo é sempre organizado a três. Através da cada destinatário fala igualmente um sobre-destinatário invisível, ao qual cada um se dirige em resposta; o sobre-destinatário é um pressuposto genérico de toda interlocução manifesta sendo mesmo um “destinatário de segurança” (Bakhtine, 1984, p. 336). Como sublinha G. Bergounioux num texto recente, todo locutor é inicialmente um ouvinte e isso contra toda “prioridade narcísica do ego” (2001, p.20 e 122). Em seguida, a crítica do fetichismo da história: Para Vygotski, a história não diz respeito ao passado. A história é precisamente a transformação do passado em futuro ou o fracasso dessa transformação: “é unicamente em movimento que um corpo mostra aquilo que ele é” (1978, p. 64-65). Estamos sempre “simultaneamente em dois planos: aquilo que é e aquilo que era. A forma fossilizada é a extremidade do fio que liga o presente e o passado” (1978, p.64-65).

Em uma palavra, nada que não possa atender às exigências de uma psicanálise apoiada nos efeitos mutantes do dizer na subjetivação. Estaria-se mais inclinado a uma aproximação com a psicanálise que busca dar conta das relações entre sofrimento neurótico e mal-estar social, retomando o título de um artigo de C. Ehrenberg e C. Barazer (1997): “Hoje, a questão de uma prática de massa da psicanálise está posta e não resolvida assim como aquela da extensão do método psicanalítico para tratar a miséria do mundo” (p. 58). Deve-se limitar o campo da psicanálise ou trabalhar seu limite: este questionamento que se torna cada vez mais freqüente no interior do campo analítico é simplesmente vital em nosso campo: a clínica do trabalho. Este artigo no entanto, toma posição de trabalhar os limites da psicanálise a partir de uma psicopatologia do trabalho que certamente não é uma psicanálise extensiva. Ao contrário, a investigação clínica e teórica no campo das relações entre trabalho, atividade e subjetividade pode, ao nosso ver, seguir os esforços de uma psicanálise “intensiva”, se entende-se por intensiva uma psicanálise viva no seu domínio próprio: o da cura. Este é o paradoxo que se desejaria deliberadamente cultivar no que se segue: se a clínica do trabalho e a clínica analítica têm qualquer coisa de comum, é ao aprofundá-las, cada uma em si mesma, que se poderá demonstrá-lo. Não é preciso dizer – mas talvez seja melhor dizê-lo – que nosso objetivo neste texto reduz-se a aprofundar a clínica do trabalho. Pode-se somente fazer referência nas conclusões aos trabalhos de psicanálise que parecem aproximar-se de nossos próprios resultados.

## Do Discurso ao Ofício

Partamos de uma constatação que podemos descrever com a ajuda de uma metáfora emprestada a J. Bruner. Chegar a um lugar de trabalho “é como penetrar numa cena de teatro onde a representação já começou: a trama está armada; ela determina o papel que se pode assumir e o desenrolar para o qual cada um pode se dirigir. Aqueles que estavam já em cena têm uma idéia da peça que se representa, um idéia suficiente para tornar possível a negociação com o novo participante” (Bruner, 1991, p. 48). Pode-se então comparar, com apoio em reflexões de Bakhtine em outro campo (1926, p.191), a atividade comum de trabalho a um “*enthymeme*” social: a parte subentendida da atividade é aquela que os trabalhadores de um dado meio conhecem e vêem, esperam e reconhecem, apreciam ou não; aquilo que é comum a todos e que os reúne sob as condições reais de vida; aquilo que eles sabem que deve ser feito graças a uma comunidade de avaliações pressupostas, sem que seja necessário re-especificar a tarefa cada vez que ela se apresenta. É como uma “senha” conhecida somente daqueles que pertencem ao mesmo horizonte social e profissional. Esta avaliações comuns subentendidas têm um papel particularmente importante nas situações em que ocorrem incidentes. Na verdade, para serem eficazes, elas são econômicas e freqüentemente não são nem mesmo enunciadas. Quando elas são postas em palavras elas fazem das mesmas não um signo, mas um nó de significações e mesmo de entonações. Elas entram no corpo dos profissionais, pré-organizam suas operações e condutas; elas são de alguma maneira “soldadas” as coisas e aos fenômenos correspondentes. Por isso, elas não requerem, necessariamente, formulações verbais precisas ou, melhor dizendo, elas “povoam” e “contaminam” todas as palavras e gestos em uso no meio, palavras e gestos inseparáveis das vozes do ofício que nele ressoam, sejam elas distantes ou próximas. Este intercalamento socio-simbólico, este corpo de avaliações comuns que intercede na atividade pessoal e opera de maneira tácita, é que nós designamos pelo conceito de gênero profissional, catacrese do conceito de gênero de discurso em Bakhtine (1984). O gênero transporta integralmente os “*équivoques*” que sua história deixou persistir e que não pára de renovar; ou ainda, tudo

aquilo sobre o que sucessivas gerações de profissionais trabalharam e onde cada um, nesta obra de interpretação coletiva e singular, foi obrigado a colocar algo de si.

Serão examinados dois exemplos entre os ofícios do correio. O primeiro é tirado de um belo trabalho de tese em ergonomia (Flageul-Caroly, 2001) e o segundo de uma de nossas intervenções em clínica da atividade com os carteiros (Clot, Scheller et al., 2000). Sandrine Flageul-Caroly comparou o trabalho dos guicheteiros em dois postos dos correios, um deles situado em região parisiense classificado como *zona urbana sensível* e o outro situado em região interiorana. Durante a intervenção, que durou um ano, no primeiro, sete agentes em quinze saíram da equipe. Deixando de lado a contadora, que se afastou por uma licença maternidade; dois guicheteiros depois um diagnóstico oficial de inaptidão relacional com os clientes, foram transferidos para um centro de triagem noturna por demanda própria; um outro, morreu de infarto no local de trabalho; e um terceiro, vítima de uma agressão, precisou abandonar definitivamente sua posição no guichê; dois agentes contratados não foram reconduzidos a sua função. Além disso, a chefe de equipe “ fez uma depressão” (Flageul-Caroly, 2001, p. 140). No posto de interior, ao contrário, a estabilidade do pessoal é forte, o público é mais heterogêneo, mas uma parte da população vive precariamente em razão do fechamento de usinas que alimenta o desemprego. Nós retornaremos a essa análise. Mas, adiante, insistiremos ainda sobre um dado importante largamente comprovado em clínica do trabalho (Clot, 1999).

A saúde se degrada no ambiente de trabalho sempre que um coletivo profissional torna-se uma coleção de indivíduos expostos ao isolamento. A saúde se degrada, na verdade, quando deixa de haver a ação de civilização do real, a qual um coletivo profissional deve proceder a cada vez que o trabalho, por seus imprevistos, põe esse coletivo a descoberto. Dito de outra forma, a saúde se degrada quando a história do gênero profissional se encontra suspensa. Quando, para dizer ainda de outro modo, a produção coletiva das expectativas genéricas do ofício é posta em sofrimento. Cada um individualmente se encontra então confrontado às más surpresas de uma organização do trabalho que deixa “sem voz” face ao real.

O real, na situação que nos serve de referência é para os guicheteiros da região parisiense, a questão aguda de uma precariedade social que escapa, que insiste e os agride.

Trata-se, mais precisamente, da dificuldade de tornar compatível a demanda desse público e a realização da quantidade de serviço atualmente prescrita pelos correios. Mas é também, frente a este conflito de objetivos e esta antinomia profissional, o fracasso de uma organização do trabalho que os coloca em dificuldade e sobre a qual eles não podem agir. É igualmente o fracasso na exploração dos meios de afrontar a situação e a decepção por sua impossibilidade de se engajar em uma obra de tessitura comum e individual: tessitura entre o único e o impessoal que faz “falar o ofício”. Mas no posto de interior, o real se apresenta com uma outra face. Não que o desprazer de se encontrar a descoberto na situação desapareça. Mas o prazer da descoberta, se coloca sobre ele, nas ocasiões em que a equipe pode provar coletivamente seu poder de agir no ambiente e sobre si mesma. No trabalho, o real se apresenta freqüentemente na figura de Janus. Mas em todos os casos, o inatingido é essencial.

*“Repondant et Chronotope”*